



NUNO CAMARNEIRO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

EINSTEIN E KAFKA

Que importância poderá ter a literatura para quem trabalha em ciência? Responda quem saiba. Que importância poderá ter a ciência para quem se ocupa de literatura? Pois, que responda quem saiba.

Na sua obra *Seis Passeios nos Bosques da Ficção*, Umberto Eco relata que Thomas Mann terá emprestado um dos romances de Kafka a Albert Einstein, que o terá devolvido pouco tempo depois, dizendo: “Não consegui lê-lo, a mente humana não é tão complexa.” A anedota, verdadeira ou não, levanta questões sobre a relação entre literatura e ciência, os modelos que norteiam ambas as disciplinas e como cientistas e escritores se relacionam entre si. Não faltam exemplos de uns fascinados pelos outros, nem dos cruzamentos profícuos que foram definindo a civilização contemporânea e os grandes avanços do conhecimento. Poderia dizer-se que a literatura imagina e hipnotiza sem respeitar os dados e que a ciência deduz e concretiza sem contemplar todas as repercussões das suas descobertas.

Aldous Huxley, o escritor e filósofo inglês conhecido pela obra *Admirável Mundo Novo*, no seu último livro, *Literatura e Ciência*, publicado dois meses antes do seu falecimento, afirma: “No contexto actual, a ciência pode ser definida como um instrumento para investigar, ordenar e comunicar as mais públicas das experiências humanas. Ainda que de forma menos sistemática, também a literatura se ocupa dessas experiências. Contudo, o seu principal objectivo é o de ocupar-se das experiências mais íntimas do ser humano, bem como das interações entre indivíduos autoconscientes e sensíveis e a realidade objectiva que os rodeia.” Voltamos ao comentário de Einstein acerca da obra de Kafka, que experiências são mais relevantes para nós, membros da espécie humana? As mais públicas, sensoriais e universais de que se ocupam os vários ramos da ciência ou as outras, íntimas e relacionais que vão pontuando as nossas vidas? Os cien-

tistas são homens e mulheres e os escritores e leitores são utilizadores e destinatários das muitas descobertas científicas, fará sentido estabelecer fronteiras?

É conhecido o comentário do físico J. Robert Oppenheimer que, após testemunhar a primeira detonação de uma bomba atómica, terá dito: “Tornei-me a Morte, destruidora de mundos”, citando o clássico indiano *Mahabharata*. A citação, que entrou no domínio da cultura pop através do filme homónimo realizado por Christopher Nolan, parece apontar para a complementaridade entre cultura científica e humanística. Por mais que as repercussões de um qualquer desenvolvimento tecnológico estejam previstas e quantificadas por cálculos matemáticos, só a sua experiência sensorial pode inscrevê-las e sujeitá-las à interpretação humana. Nenhuma explosão existe fora do corpo e dos olhos que a ela assistem, o mais é abstracção e números escritos num papel ou numa folha de Excel.

Num excerto da biografia de Darwin, lemos da sua mão: “Se tivesse de voltar a viver a minha vida, teria adoptado como regra ler alguma poesia e ouvir alguma música pelo menos uma vez por semana, pois talvez as partes do meu cérebro agora atrofiadas se mantivessem activas através do uso. A perda destes gostos é uma perda de felicidade e pode, possivelmente, ser prejudicial para o intelecto e, mais provavelmente, para o carácter moral, ao enfraquecer a parte emocional da nossa natureza.”

Ficam as palavras do mestre para que sobre elas posamos reflectir. Que importância poderá ter a literatura para quem trabalha em ciência? Responda quem saiba. Que importância poderá ter a ciência para quem se ocupa de literatura? Pois, que responda quem saiba.